

**LÍNGUA & CULTURA NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA:
UMA EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL DE ALGUNS ESTUDANTES DE
INTERCÂMBIO DO INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ**

**LENGUA Y CULTURA EN LA ENSEÑANZA DEL INGLÉS COMO LENGUA
EXTRANJERA: UNA EXPERIENCIA SOCIOCULTURAL DE ALGUNOS
ESTUDIANTES DE INTERCAMBIO DEL INSTITUTO FEDERAL DE PIAUÍ**

**LANGUAGE & CULTURE IN ENGLISH AS A FOREIGN LANGUAGE
TEACHING: A SOCIO-CULTURAL EXPERIENCE OF SOME EXCHANGE
STUDENTS FROM PIAUÍ FEDERAL INSTITUTE**

Giselda dos SANTOS COSTA¹

RESUMO: *A internacionalização do ensino superior se intensificou dramaticamente nos últimos quinze anos no Brasil, criando oportunidades de grande alcance, mas também ameaças e limitações em relação às práticas de ensino de línguas estrangeiras e o ensino de cultura. Muitos linguistas e antropólogos (BYRAM, 1997; KRAMSCH, 1993; MCKAY, 2003; JENKINS, 2005) afirmaram que para a comunicação ser bem-sucedida, o uso da linguagem deve ser associado a outro comportamento culturalmente apropriado, não apenas regras linguísticas em sentido estrito. Neste artigo, discutem-se os problemas relacionados à internacionalização, mais especificamente, a discussão gira em torno dos desafios socioculturais enfrentados por alguns alunos do Instituto Federal do Piauí (IFPI) em suas experiências no programa Ciência sem Fronteiras em cinco países. Através de entrevistas qualitativas, os resultados revelaram que estudantes lidaram com problemas socioculturais, os quais poderiam ser evitados se tivesse sido trabalhado em sala de línguas antes do intercâmbio.*

PALAVRAS-CHAVE: *Internacionalização. Ensino de cultura. Inglês como língua estrangeira. Adaptação sociocultural. Formação de Professor.*

RESUMEN: *La internacionalización de la enseñanza superior se ha intensificado dramáticamente en los últimos quince años en Brasil, creando oportunidades de gran alcance, pero también amenazas y limitaciones en relación a las prácticas de enseñanza de lengua extranjera y la enseñanza de la cultura. En el caso de los lenguajes y antropólogos, los lingüistas y los antropólogos (BYRAM, 1997, KRAMSCH, 1993, MCKAY, 2003, JENKINS, 2005), afirmaron que para la comunicación tiene éxito, el uso del lenguaje debe asociarse a otro comportamiento culturalmente apropiado, no sólo reglas lingüísticas en sentido estricto. En este artículo, se discuten los problemas relacionados a la internacionalización, más específicamente, la discusión gira en torno a los desafíos socioculturales enfrentados por algunos alumnos del Instituto Federal de Piauí (IFPI) en sus experiencias en el programa Ciencia sin Fronteras en cinco países. A*

¹ Instituto Federal do Piauí (IFPI), Teresina – PI – Brasil. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: giseldacostas@hotmail.com.

través de entrevistas qualitativas, los resultados revelaron que los estudiantes abordaron problemas socioculturales, que podrían evitarse si se hubiera trabajado en la sala de idiomas antes del intercambio

PALABRAS CLAVE: *Internacionalización. Enseñanza de la cultura. Inglés como lengua extranjera. Adaptación sociocultural. Formación de Profesor.*

ABSTRACT: *The internationalization of higher education has been dramatically intensified over the last fifteen years in Brazil, creating wide-ranging opportunities as well as threats and limitations in relation to foreign language teaching practices and the teaching of culture. Many linguists and anthropologists (BYRAM, 1997; KRAMSCH, 1993; MCKAY, 2003; JENKINS, 2005) have stated that for communication to be successful the use of language must be associated with other culturally appropriated behavior, not just linguistic rules in the strict sense. In this article, we discuss the problems related to internationalization, more specifically, the discussion revolves around the sociocultural challenges faced by some students of the Federal Institute of Piauí (IFPI) regarding their experiences in the Science without Borders program spread through five countries. By using qualitative interviews, the results revealed that students had sociocultural problems which could be avoided if English teachers had worked in the language classroom before the execution of the exchange program.*

KEYWORDS: *Internationalization. Education of culture. English as a foreign language (EFL). Sociocultural adaptation. Teacher Training.*

Introdu o

A internacionaliza o   vista como um instrumento importante que pode ter impacto no ensino e pesquisa. Os acordos de coopera o, bem como as iniciativas para participar em redes nacionais e internacionais, estão se multiplicando. Por essa razão, o governo brasileiro lançou o programa Ciência sem Fronteiras em 26 de julho de 2011, com o objetivo de promover a consolida o e expansão da ciência, tecnologia e inova o no Brasil através do intercâmbio internacional e da mobilidade. Segundo Sallivieri (2015), o programa apoiou 92.816 estudantes entre 2011 e 2015, desde estudantes de gradua o até doutorandos, bem como bolsistas p s-doutorados e pesquisadores nos campos da ciência, engenharia e saúde para obter treinamento e ensino em 43 países parceiros; porém, sob crescente pressão econ mica, o programa foi suspenso em 22 de setembro de 2015.

Este programa de mobilidade brasileiro também destacou muitos problemas, particularmente a questão da proficiência linguística apropriada no país anfitrião. Os estudantes brasileiros fizeram testes de proficiência na língua exigida pela universidade hospedeira. No entanto, muitos estudantes não conseguiram atingir o mínimo exigido; para

esses alunos, o programa ofereceu uma concessão de até seis meses para estudar a língua do país de destino antes do ano letivo. Desde então, o governo criou condições para que as universidades ofereçam cursos de língua estrangeira e centros de idiomas para preparar estudantes para a internacionalização. Muitos Institutos Federais estão tentando criar centros de idiomas baseados em sala de aula para preparar os docentes e discentes a participar de trocas internacionais.

Não é só a competência linguística que limita a capacidade dos estudantes de se envolverem plenamente na aprendizagem e no convívio social. Os desafios dos estudantes de intercâmbios também são socioculturais, e deveriam ser trabalhados em sala de aula. A ligação língua e cultura na sala de língua estrangeira tem sido foco de muita pesquisa acadêmica (KRAMSCH, 1993; BYRAM, 1989; LIDDICOAT; SCARDINO, 2013). Com o aumento da globalização, internacionalização, migração e imigração, tem havido um reconhecimento crescente para a necessidade de um foco intercultural no ensino de idiomas.

Alguns estudos relatam resultados educacionais negativos associados à incapacidade do professor de línguas para criar um ambiente que incorpore sensibilidade cultural (FERENCE; BELL, 2004). Não é apenas a língua que é usada para a comunicação. Temos a linguagem corporal, gestos faciais e até mesmo o tom de voz. Assim, a falta de conhecimento cultural pode afetar o ensino dos professores, bem como a forma como eles ensinam.

Para nosso estudo, o conceito de cultura é conhecimento, experiências, crenças, valores, ações, atitudes, significados, hierarquias, religião, noções de tempo, papéis, relações espaciais, conceitos do universo e artefatos adquiridos por um grupo de pessoas no decorrer das gerações através da luta individual e grupal. Essa é uma definição descritiva de Samovar et al (2009), que procurou abranger tudo sobre cultura, inclusive o aspecto da comunicação não verbal.

Por essas razões, este estudo qualitativo explorará a seguinte questão de pesquisa: Qual foi o maior desafio comunicacional, de sete estudantes do Instituto Federal do Piauí, que participaram de programa de intercâmbio Ciência sem Fronteiras em cinco países?

Revisão de literatura

A questão do ensino de cultura em sala de língua estrangeira tem sido discutida por alguns estudiosos dos campos da linguística aplicada e sociolinguística por mais de duas décadas (BYRAM, 1997; MCKAY, 2003; JENKINS, 2005). Entre os diversos debates, os pesquisadores consideram que aprender um idioma não implica apenas o conhecimento de suas regras de gramática e os significados denotativos das palavras, mas envolve o modo de vida, hábitos e costumes, história e tudo o que é contido na cultura. Aprender o vocabulário, ao prestar atenção aos fatores culturais, é vital e crucial. Byram (1997) afirma que professores devem ter em mente a importância da cultura, e entendimento prévio do conhecimento cultural que ele vai ensinar aos alunos.

É certo que não é uma tarefa fácil ensinar cultura. Na literatura encontramos vários estudos com essa temática, por exemplo, Sercu (2002) comparou os conceitos e práticas de ensino dos professores de inglês, francês e alemão, relacionando com um perfil de professor de língua estrangeira intercultural, e comparou as descobertas com relação a professores dinamarqueses e britânicos em um estudo feito anteriormente. O resultado foi que as práticas de ensino dos professores ainda não podem ser caracterizadas como uma plena realização da competência comunicativa intercultural.

Atay et al (2009) da Universidade de Marmara, Istambul, Faculdade de Educação, concluíram um estudo cujo objetivo foi investigar as opiniões e atitudes dos professores turcos de inglês sobre interculturalidade. Observou como e em que medida essas opiniões e atitudes se refletem em suas aplicações de sala de aula. Os dados foram coletados de 503 professores de língua estrangeira por meio de um questionário. As descobertas revelaram que os professores de línguas estão cientes do papel da cultura em língua estrangeira, porém eles geralmente não integram a cultura em seus ensinamentos.

O estudo de caso de Kriaučiūnienė e Šiugždinienė (2013), da Universidade de Vilnius, Lituânia, apresentou uma análise dos pontos de vista sobre o desenvolvimento da competência intercultural na sala de aula de língua inglesa. A pesquisa foi realizada em escolas de ensino básico com dez professores procurando responder o seguinte problema: como a competência intercultural é desenvolvida nas escolas durante as aulas de inglês e quais são as condições prévias da sua melhoria? As respostas dos entrevistados indicaram que as práticas atuais para o desenvolvimento da competência intercultural na sala de aula de língua inglesa não são suficientes. Conclui-se que o processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa deve ser mais propositalmente destinado a desenvolver todas as dimensões da competência intercultural dos alunos.

Qin (2014) realizou um estudo na Universidade do Sul da Flórida, explorando a utilização do mal-entendido na comunicação intercultural no ensino de línguas estrangeiras. Ao investigar casos de incompreensão vividos por vinte estudantes chineses nos Estados Unidos, esse estudo descobre que a experiência do mal-entendido realmente pode beneficiar os alunos de línguas estrangeiras em três aspectos: 1) revela os problemas comunicativos ocultos, 2) ajuda a melhorar a consciência cultural dos alunos, e 3) estabelece memória de longo prazo para os alunos em suas futuras comunicações interculturais.

A literatura acima mencionou diferentes exemplos de abordagens das competências interculturais para o ensino de Inglês como língua estrangeira e suas consequências para a formação de professores. Elas ressaltam a importância de se preparar alunos a se envolver e colaborar em uma sociedade global, descobrindo maneiras apropriadas para interagir com pessoas de outras culturas.

Metodologia

Tipos de estudo

Quanto ao tratamento geral dos dados, o estudo teve uma natureza descritiva, uma vez que procurou descrever detalhadamente os corpora, a fim de analisá-los interpretativamente, explorando as informações ali contidas. Quanto à forma de coleta de dados, a pesquisa qualitativa se encaixa no perfil deste estudo, pois compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem como objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo real, criando um vínculo inseparável entre o mundo real da objetividade e da subjetividade (CHIZZOTTI, 2003).

Coletas de dados

Os dados deste estudo foram coletados através de um questionário via e-mail, oito meses após a conclusão do intercâmbio de sete alunos, realizado em cinco países durante o período de 2014 - 2015. As perguntas do questionário estão relacionadas às experiências socioculturais vividas pelos alunos ao se adaptarem aos estudos e às suas novas vidas no exterior. Assim, neste questionário foram abordados os seguintes itens e subitens: alunos

(nome, curso, país, duração do intercâmbio, nível da língua inglesa, conscientização de cultura antes da viagem) e competência sociocultural (opinião da cultura do país, constrangimentos e conhecimento da linguagem não verbal).

Contexto e participantes

Os participantes foram representados por sete alunos do Instituto Federal do Piauí selecionados para cinco países no programa Ciência sem Fronteiras do Governo Federal do Brasil em 2014, num período de residência inferior a dois anos no intercâmbio. Foram cinco alunos no nível de graduação e um de pós-graduação (ver tabela 01). A escolha da referida instituição se deu em função da nossa condição de professora de língua inglesa, fato que facilitou a implementação da pesquisa em todas as suas fases.

Tabela 1: Informações dos participantes

Participante	País	Curso	Programa	Nível de Inglês	Cultura em sala de línguas
Estudante 1	USA	Eng. Civil	Graduação	Intermediário	Não
Estudante 2	Espanha	Eng. Civil	Graduação	Básico	Não
Estudante 3	USA	Informática	Graduação	Intermediário	Não
Estudante 4	Canadá	Informática	Graduação	Intermediário	Não
Estudante 5	Itália	Arquitetura	Graduação	Avançado	Sim
Estudante 6	USA	Eng. de Produção	Graduação	Básico	Não
Estudante 7	França	Administração	Doutorado	Básico	Não

Fonte: Elaboração própria

Resultados e Discussões

Nossa pesquisa fornece conhecimento de algumas experiências e percepções de sete estudantes de intercâmbio do programa Ciência sem Fronteiras do IFPI. Os resultados revelaram que os estudantes enfrentaram problemas sérios relacionadas à adaptação sociocultural, como: compreensão, interpretação, linguagem corporal, tradução e produção.

Os alunos perceberam também que para usar o idioma devem estar conscientes das normas culturais para a conversação, pois elas diferem de uma cultura para outra. Algumas delas podem ser completamente diferentes e entrar em conflito com normas de outras

culturas. Os participantes responderam que o maior desafio comunicacional foi a adaptação sociocultural no intercâmbio. Eles enfatizaram que muitos mal-entendidos poderiam ser evitados com a conscientização cultural em sala de línguas antes da viagem.

Adaptação sociocultural

O ensino de línguas já não pode ser encarado como uma tarefa principalmente linguística, ou seja, enfatizar apenas a prática das estruturas, pronúncia e vocabulário. Para se tornar um falante competente de uma língua, os alunos precisam adquirir também as competências socioculturais necessárias para serem capazes de se comunicarem com sucesso em situações de contato internacional. Baseados nos dados do questionário, verificamos que 100% dos alunos consideraram importante saber de algumas regras culturais na sala de línguas antes da viagem, como alguns participantes ressaltaram:

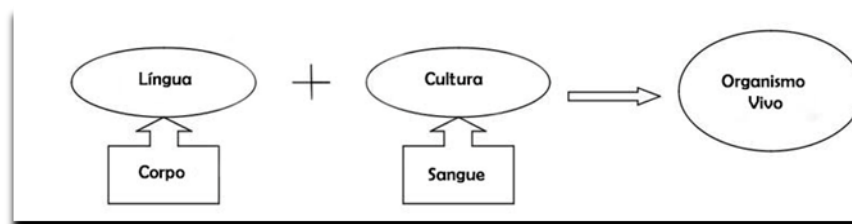
Uma vez que o objetivo do curso de inglês seja viajar para outro país, informações relacionadas a regras culturais além de tornar o ensino mais interessante, pode poupar o estudante de constrangimentos. (Participante 5).

As dicas de regras culturais fazem toda a diferença quanto a importante e necessária inserção cultural. (Participante 2).

Acredito ser essencial conhecer sobre como as pessoas de outras culturas se comportam, até para evitar constrangimentos e mal entendidos. (Participante 6).

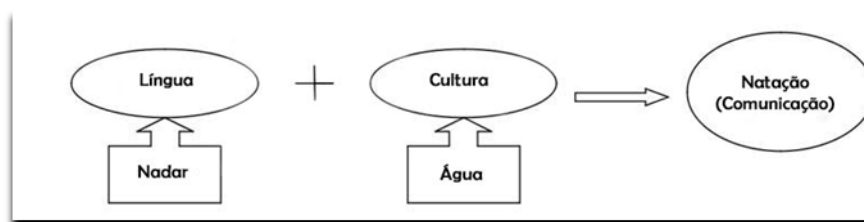
Com as falas dos participantes, podemos observar que a linguagem está inserida na sociedade e na cultura e, nesse sentido, aprender uma língua estrangeira envolve o aprendizado cultural. Jiang (2000) construiu três metáforas para uma nova compreensão deste tema. A primeira com uma visão filosófica, a segunda com uma visão comunicativa e a terceira e última, com uma visão pragmática.

A visão filosófica vê a linguagem e a cultura como um organismo vivo; a língua é corpo e a cultura é o sangue. Sem cultura, o idioma estaria morto; sem língua, a cultura não teria forma.

Figura 1: Visão Filosófica

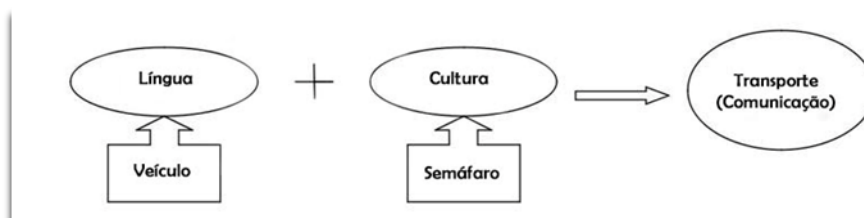
Fonte: Zu; Kong (2009)

Na visão comunicativa é considerada como natação, a língua é a habilidade de nadar e a cultura é a água. Sem língua, a comunicação permaneceria limitada (em águas muito rasas); sem cultura, não haveria nenhuma comunicação.

Figure 2: Visão Comunicativa

Fonte: Zu; Kong (2009)

A última metáfora, a visão Pragmática, a comunicação é o transporte, a língua é o veículo e a cultura é semáforo. A linguagem torna a comunicação mais fácil e rápida; a cultura regula, às vezes promove e às vezes dificulta a comunicação.

Figure 3: Visão Pragmática

Fonte: Zu; Kong (2009)

Quando perguntamos aos participantes se a comunicação não verbal (gestos, expressão facial e tom da fala) é importante e se deveria ser ensinada em sala de línguas, os

sete envolvidos na pesquisa confirmaram positivamente, como podemos ver nos excertos abaixo:

Os gestos e os tons da fala são importantes pois ajudam na comunicação. Eu tive momentos de constrangimentos por não ter consciência que esse tipo de comunicação é, talvez, mais importante que falar fluente. (Participante 4).

São elementos de compreensão que muitas vezes nos comunicam muito mais do que a própria fala. (Participante 7).

Ajudam-nos a evitar constrangimentos. Os professores de Inglês precisam colocar a culturas em suas metodologias de ensino. (Participante 2).

Brown (2001) afirma que uma língua é parte de uma cultura e uma cultura é parte de uma língua; os dois estão intrinsecamente entrelaçados, de modo que não se pode separá-los. Assim, um falante interculturalmente competente de uma língua estrangeira possui tanto competência comunicativa nessa língua como habilidades específicas, atitudes, valores e conhecimento sobre a cultura. Segundo Byram (1997), quando as competências linguísticas e as interculturais são trabalhadas em sala de línguas, os alunos tornam-se preparados para a participação em um mundo global.

É correto afirmar que nós precisamos de algo muito mais complexo do que a competência linguística para nos comunicarmos com os outros. Nós precisamos saber quando falar, quando não, o que falar, o que não, com quem, em que forma e assim por diante. Não podemos ignorar o fato de que quando falamos com pessoas de uma sociedade e cultura diferentes, seja na nossa língua ou estrangeira, a natureza da interação é diferente, e as respostas a essas mesmas perguntas podem ser distintas, e que sempre somos inclinados a interpretar comportamentos com base em nossas próprias experiências culturais.

Os participantes foram questionados se já tinham presenciados gestos ofensivos, insultantes e agressivos que no Brasil tem sentidos diferentes; a maioria dos alunos (80%) afirmaram positivamente, o que foi possível observar nos seguintes depoimentos:

Mesmo sabendo que falo muito bem inglês, um dia perguntei uma informação a um guarda na estação de metrô em Nova York. Ele ficou ofendido e me chamou de mal educado, pois eu não o tinha cumprimentado com boa noite, não tinha perguntado se ele poderia dar informação e terceiro, eu falei muito próximo a ele. (Participante 6).

Eu fiz o sinal de V com os dedos de forma errada para um colega em sala de aula. Tive que pedir desculpas depois que o professor me explicou o significado do meu sinal no Canadá. (Participante 5).

Recordo-me bem de quando comecei a frequentar a igreja na Espanha, todos olhavam para mim como muita estranheza e um certo desprezo ou incomodo. Eu achei que isso se devia ao fato de ser um jovem, algo que não era tão comum na paróquia que eu participava. Pouco a pouco, e conversando com alguns amigos espanhóis percebi que isso se devia a forma como eu me vestia. Eles possuem uma verdadeira liturgia quanto a forma de se vestir para as santas missas, sempre trajam roupas elegantes e eu participava da forma que o fazia aqui no Brasil. Comprei uns ternos e tudo foi resolvido. (Participante 2).

Os depoimentos dos participantes 02, 05 e 06 são exemplos de que a fala é muito influenciada pela cultura. A capacidade de falar não é uma questão apenas relacionada com a pronúncia ou entonação. Os alunos precisam usar frases adequadas em um contexto apropriado. Caso contrário, mesmo sendo bem treinados no aspecto linguístico, eles cometeram mal-entendidos por falta de conhecimento cultural. No decurso da comunicação oral, os falantes devem prestar muita atenção ao contexto, ou seja, o que você está dizendo, a quem você está dizendo, quando e onde está dizendo, etc. A interação dos alunos com falantes nativos exigiu que construíssem seus próprios significados. Kramsch (1993) refere-se a isso como o estabelecimento de uma esfera da interculturalidade.

Esses depoimentos nos invocam os estudos de Vygotsky (1999) quando distinguiu, com relevância, ‘sentido’ de ‘significado’. Como sabemos, o significado das palavras é relativamente estável e o sentido é fluído e complexo. O ‘significado’ refere-se à esfera pública e representa um valor de uso social. O ‘sentido’ refere-se à esfera particular na qual o significado da palavra está ligado às experiências, associações e conotações pessoais. É bom salientar que, quando o inglês é usado por diferentes povos em diferentes países de língua inglesa, não implica necessariamente que as palavras ou expressões com a mesma grafia e pronúncia significarão a mesma coisa. Culturalmente, eles podem ter significados diferentes.

De acordo com Roux (2001), os alunos devem estar cientes de tradições e crenças culturais que são diferentes das suas. Essa compreensão intercultural promove a cooperação, a tolerância, a paz, e ajuda a minimizar o ódio, o tribalismo, o racismo e a violência, que, inevitavelmente, levam à guerra.

Considerações finais

Os resultados do estudo sugerem que ensinar cultura é significativamente benéfico em termos de habilidades linguísticas, conscientização cultural, mudanças de atitudes em relação aos comportamentos e crenças das pessoas de outra comunidade. Os participantes deste estudo enfatizaram alguns tipos de constrangimentos em suas experiências de intercâmbio universitários e entenderam que adquirir uma nova linguagem significa muito mais do que a manipulação de sintaxe e léxico. Devido à inseparabilidade da linguagem e da cultura, acreditamos que seja necessário incorporar a cultura no processo de ensino de línguas, uma vez que, como ilustra este estudo, tem muito a oferecer ao desenvolvimento da competência comunicativa, bem como outras habilidades na instrução de qualquer língua.

Este estudo tem implicações também para a formação dos professores. Como podemos ver, muitas pesquisas relataram resultados educacionais negativos associados à incapacidade deles para criar um ambiente que incorpore sensibilidade cultural. Porém, muitos professores de línguas não podem transmitir impressões de outra cultura se eles nunca participaram de um programa de internacionalização fora do Brasil. Em nossa visão, uma melhor experiência para desenvolver competências culturais é oferecer uma experiência de prática internacional para eles. É muito difícil o docente ter uma consciência cultural se ele nunca a vivenciou.

Acreditamos que através de cursos fora do país, os professores podem se familiarizar com teorias e questões relacionadas à diversidade, ao globalismo, à cultura, à sensibilidade, à comunicação intercultural e ao impacto de todas elas no processo educacional. Durante a experiência de prática internacional, eles podem aplicar teorias e entendimentos para dar sentido e reflexão sobre os desafios e oportunidades de ensino intercultural, criando mentalidades competentes e sensíveis que trazem ideias novas para as salas de aula das escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS

ATAY, Derin at al. The Role of intercultural competence in foreign language teaching. **Inonu University Journal of the Faculty of Education**, v. 10, n. 3, p. 123-135, 2009. ISSN: 1300-2899.

BYRAM, Michael. **Cultural studies in foreign language education**. Cleveland, England: Multilingual Matters.1997.

BROWN, H. Douglas. **Principles of language learning and teaching**. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press, 2001. ISBN 0-13-017816-0.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. **Revista Portuguesa de Educação**, Minho-Portugal, v. 16, n. 2, 2003.

CUSHNER, Kenneth. BRENNAN, Sharon. (Eds.) **Intercultural student teaching: a bridge to global competence**, Lanham. MD, Rowman and Littlefield Education. 2007. ISBN: 1-5788-6579-4.

ERENCE, Ruty.; BELL, Steven. A cross-cultural immersion in the U.S.: Changing preservice teachers attitudes toward Latino ESOL students. **Equity and Excellence in Education**, v. 37, n. 4, p. 343-350, 2004.

JENKINS, Jennifer. ELF at the gate: The position of English as a lingua franca. In: **IATEFL 2004 Liverpool Conference Selections**, Edition: 1st, Chapter: 2.12, Publisher: IATEFL, Editors: Alan Pulverness, 2004, p. 33-42.

JIANG, Wenying. The relationship between culture and language. *EFT Journal*, v. 54, n. 4, p. 328-334, 2000. ISSN: 0951-0893.

KRAMSCH, Claire. Context and culture in language teaching. **Oxford University Press**, v. 16, n. 2, p.264-267,1993. DOI: 10.1093/applin/16.2.264.

KRIAUCIŪNIENĖ, Roma.; ŠIUGŽDINIENĖ, Aukse. **Viewpoints of intercultural competence development in English language teaching/learning classroom**. Vilnius p, 95-105, 2010.

LIDDICOAT, Anthony. SCARINO, Angela. **Intercultural language teaching and learning**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013. ISBN 978-1-4051-9810-3.

MCKAY, Sandra. Teaching English as an international language. **The Journal of Asia Tefl**, v. 1, n. 1, p. 1-22, Spring 2004.

ROUX, Johann. Re-examining global education's relevance beyond 2000. **Research in Education**, Pretoria, v. 65, p. 70-80, 2001. DOI: 10.7227/RIE.65.6.

SAMOVAR, Larry et al. **Communication between cultures**. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press, 2009. ISBN-13: 978-0-495-56744-8.

STALLIVERI Luciene. **Programa de Ciência sem Fronteiras do Brasil**. 2015. Disponível em: <<https://www.insidehighered.com/blogs/world-view/brazils-science-without-borders-program>>. Access in: may 2018.

SERCU, Lies. Implementing intercultural foreign language education. Belgian, Danish and British teachers' professional self-concepts and teaching practices compared. **Evaluation & Research in Education**, v. 16, n. 3, 2002. DOI: 10.1080/09500790208667015.

QIN, Xizhen. Teaching foreign languages by exploring intercultural misunderstanding. **Intercultural Communication Studies XXIII**. Florida, v. 3, 2014. Disponível em: <<http://web.uri.edu/iaics/files/Xizhen-QIN.pdf>>. Access in: may 2018.

VIGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. 2 ed. Tradução de Jefferson Luiz Camargo e revisão técnica de José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZU, Lin.; KONG, Zheqiong. A Study on the approaches to culture introduction in English textbooks. **English Language Teaching**, China, v. 1, n. 2, p. 112-118, 2009.

Como referenciar este artigo:

SANTOS COSTA, Giselda dos. Language & Culture in English as a Foreign Language teaching: a socio-cultural experience of some exchange students from Piauí Federal Institute. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. esp1, p. 381-393, maio 2018. E-ISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riaee.nesp1.v13.2018.11427.

Submetido em: 30/10/2017

Aprovado em: 30/01/2018